

PÓS-MODERNIDADE, LINGUAGEM E RELIGIÃO. UMA CONTRIBUIÇÃO PARA A CARACTERIZAÇÃO DAS IDENTIDADES RELIGIOSAS NO PANORAMA HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO.

José J. Queiroz*

Maria Luiza Guedes*

Adelino Francisco de Oliveira*

RESUMO. Este texto tem por objetivo apresentar, sucintamente, o **Grupo Pós-religare**, indicar a articulação do Simpósio Temático com o tema geral do Encontro da ANPUH e tecer um panorama geral das apresentações.

O Pós-religare

O proponente do Simpósio é o *Grupo de Estudos e Pesquisa Pós-religare – Pós-modernidade e religião*, - que foi fundado na PUCSP em 2000 e recebeu certificação do CNPq em 2003. Tem caráter interinstitucional. Sob a linha de pesquisa “a religião nas fronteiras da linguagem”, trabalha, dentro e fora da PUCSP, temas e pesquisas que enfocam vários aspectos do campo religioso na condição pós-moderna, com ênfase nas possibilidades e limites da linguagem em expressar e comunicar os conceitos e a vivência religiosa.

História e Pós modernidade

De início, cumpre-nos indicar a articulação do nosso Simpósio com a temática geral deste primeiro encontro do GT Nacional de História das Religiões e das Religiosidades da ANPUH, que focaliza Identidades Religiosas e História.

Antes de adentrarmos na questão da identidade, começamos pelo nosso enfoque de história. O Grupo Pós-religare situa seus trabalhos no tempo chamado Pós-modernidade. O pós-moderno surge no bojo da crise da modernidade. Inaugurada há centenas de anos, a modernidade envelheceu e de longa data vem manifestando sinais inequívocos de esgotamento. Há algumas décadas, aparece e conquista amplo espaço em quase todas as áreas do saber e da cultura, o pós-moderno, conceito ainda em construção, sobre o qual pairam mais indagações do que certezas: quando teve início? Como se caracteriza? Qual a sua abrangência? Rompe com a modernidade ou é apenas um prolongamento dela?.

Não nos cabe agora adentrar nessa polêmica. O Grupo Pós-religare já se posicionou nessa arena (cf. QUEIROZ, 2006), assumindo uma posição intermediária. Discorda dos autores que assumem uma atitude de total rejeição da pós-modernidade, tais como Habermas, Eagleton,

* PUCSP -Coordenador do Grupo Pós-religare.

* PUCSP.Vice-coordenadora do Grupo Pós-religare

* Faculdade Salesiana Dom Bosco de Piracicaba. Pesquisador do Grupo Pós-religare.

Giddens. Também não se filia entre aqueles que têm por certo que a modernidade já se extinguiu e o pós-moderno caracteriza uma nova era já estabelecida, tais como Lyotard, Jameson (com alguma restrições), Maffesoli, Vattimo.

Apesar dos seus contornos ainda indefinidos, admitimos haver consenso quanto à existência do pós-moderno (cf. CONNOR, 1993). Temos por certo que não se pode falar de uma era pós-moderna em total ruptura com as estruturas da modernidade, pois o sistema sócio-econômico que a sustenta – o capitalismo – ainda está em vigor, embora se lhe atribua um “neo” (neoliberalismo). A cultura, também, adquire novas conotações, mas permanece gravitando na esfera do capitalismo, seja para reforçá-lo (cultura de massa, consumismo), seja para expressar as suas perversidades (cultura da violência, exclusão, limpeza étnica, genocídios, terrorismo).

Mas não há como negar que, nas profundezas da crise, algo novo desponta no horizonte, uma realidade híbrida, mesclando verdades e ilusões. Vive-se uma atmosfera de busca, uma fase heurística, que alia ao pessimismo, ao desalento e ao niilismo – seqüelas da profunda decepção pelas promessas frustradas da modernidade – um vislumbre de esperança. Mudança de visão, novas tendências e atitudes caracterizam o que Capra (1997), com base na superação da visão mecanicista e fragmentária de Descartes e Newton, pela teoria da relatividade e da física quântica, sinaliza como um “ponto de mutação”.

Transpondo para o contexto mundial hodierno as palavras de Paulo Freire, quando escrevia, nos anos 60, sobre a sociedade brasileira em transição, é possível perceber “um choque entre um ontem esvaziando-se, mas querendo permanecer, e um amanhã por se consubstanciar, que caracteriza a fase de trânsito como um tempo anunciador”. Para Freire, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. “Implica em uma marcha acelerada da sociedade à procura de novos temas e novas tarefas” (FREIRE, 1981:46).

Isso nos leva a admitir que já não se pode mais falar de simples modernidade. Mesmo os que rejeitam o termo pós-moderno não deixam de convir que há algo novo na modernidade, tanto assim que sentem a necessidade de adjetivá-la. Ora ela é tida como “modernidade radical”, como em Giddens (1991); ora como “modernidade líquida”, como em Bauman (2001); ora como neo-modernidade, como em Rouanet (1986). A denominação mais recente é “hipermodernidade”, entendida como a exacerbação da modernidade, que se coloca como superação do próprio pós-moderno (Nicole AUBERT, Org., 2004).

O rosto do ser humano contemporâneo já não é o mesmo de 50 anos atrás. É possível falar-se em pós-modernidade como um jeito novo de estar e ser no momento atual, de temas novos, que foram esquecidos, preteridos ou rejeitados pela modernidade, que permeiam todas as áreas, do social às ciências, da filosofia à literatura e demais humanidades, das artes ao folclore, da linguagem à comunicação, das teologias às ciências das religiões. E é com o intuito de estudar, pesquisar e penetrar no âmago desse novo jeito do pensar e do ser religioso, que o

Grupo Pós-religare se apresenta nesse simpósio e promove um conjunto de temas de estudos e debates.

Identidades religiosas e linguagem

Em segundo lugar, nosso simpósio se articula também com a temática das identidades religiosas desse Encontro Nacional. Para o Grupo Pós-religare, e no âmbito deste simpósio, a mediação fundamental pela qual buscamos caracterizar o perfil das identidades e das diferenças das religiões e religiosidades é o conceito e a prática da linguagem.

A virada lingüística, que caracteriza um dos aspectos mais marcantes da pós-modernidade, penetrou nas ciências em geral e no estudo da religião, a ponto de poder afirmar-se que a linguagem passou a ocupar um lugar de “quase musa” na filosofia (Silvia FAUSTINO, 1998: 87) e a definir o pensar e o viver religioso como um “comportamento lingüístico”, com suas possibilidade e seus limites (VAN BUREN, 1977:69 e ss.).

O campo próprio da linguagem religiosa funda-se no espaço do universo simbólico. A perspectiva simbólica configura-se como a possibilidade de desvelamento de uma realidade escondida. Ora, por meio do símbolo, o Mistério – que é realidade escondida – torna-se manifesto. Este fenômeno, em linguagem religiosa, é designado de hierofania, que Eliade (1996:17) caracteriza como “algo do sagrado que se nos manifesta”. Neste sentido, a hierofania, a manifestação do Sagrado (Mistério) abre espaço para a experiência religiosa, provocando no *homo religiosus* duas ordens de sentimentos: fascinação e temor reverencial.

O Mistério, presente em todas as formas de religiosidade, é por definição inefável. O símbolo não a atinge diretamente. Ele é apenas mediação, sendo, todavia, a única forma possível de comunicação entre a realidade do humano e a realidade que o homem religioso experiência. De fato, o símbolo pode ser compreendido como uma lente que permite ver o que sem ela não se vê. Neste caso, toda experiência religiosa descortina-se como experiência simbólica, portanto, mediatizada.

Assim consoante, o *homo religiosus* percebe o mundo como representação. As coisas – o próprio mundo natural e também cultural – por serem simbólicas, não significam exatamente aquilo que mostram, de forma concreta e objetiva, e sim sugerem a realidade obscura que manifestam. Neste ponto, a abertura fundamental para a linguagem simbólica do Mistério torna-se referencial para a diferenciação entre a percepção do *homo religiosus* da percepção ordinária do homem secular moderno. De fato, alcançamos aqui o ponto nevrálgico de nossa breve reflexão: a perspectiva do *homo religiosus* transcende, evidentemente, a percepção do homem secular. Pois, o secular, enleado na correria cotidiana, revela-se inapto para a contemplação, caminho de acesso à verdade simbólica do Mistério manifesto.

Seguindo as análises de Van Buren, o divino, que se manifesta como fundamento das inúmeras identidades religiosas, sempre se coloca no extremo limite da linguagem e a dinâmica da linguagem ordinária não é suficiente para açambarcar essas realidades misteriosas. Ao

adquirir sua identidade na sua relação com esse divino e ao manifestar essa relação, o religioso sempre desloca a sua linguagem do plano central até os limites mais extremos.

Para Van Buren, ocorre superar a posição do positivismo lingüístico, pelo qual as palavras todas funcionam, em qualquer circunstância, do mesmo modo como operam quando se encontram em um plano objetivo, claro, central. Nesta perspectiva, esvazia-se a riqueza das múltiplas identidades religiosas, pois racionaliza-se a relação do religioso com o divino, que se cultua, e consideram-se as atribuições da divindade como qualidades captadas de um objeto que simplesmente se estuda e se analisa. Já o expressar-se avançando do centro para as fronteiras da linguagem permite, ainda que de modo precário, adentrar na experiência do mistério e tentar captar a hierofania até onde permite o alcance de nossas palavras.

Desta forma, a chave de compreensão do momento religioso que vivemos, relaciona-se, de maneira direta, com a virada lingüística, que se apresenta como uma das características marcantes da pós-modernidade. A ênfase que este simpósio coloca no alcance e nos limites da linguagem em caracterizar as identidades religiosas, vivenciá-las e expressá-las, tem como um dos resultados esperados superar um certo pragmatismo redutor, que limita o tempo ao meramente cronológico; quer apontar o *homo religiosus* como um ser lingüístico e ao mesmo tempo como um ser que vai além do cronológico e se adentra no âmago da contemplação do simbólico, que amiúde pede um profundo silêncio interior, permeado por um entendimento de que a vida sempre se renova quando o Mistério se fez manifesto.

.As temáticas do simpósio. Um panorama.

O Simpósio temático Pós-modernidade e Religião. A virada lingüística, os limites e possibilidades da linguagem no campo religioso, pretende criar um espaço que possibilite o encontro dos pesquisadores para a socialização dos seus trabalhos e estudos, assim como para aprofundar o debate sobre religiões e crenças no panorama pós-moderno, focalizando os limites e possibilidades da linguagem no campo religioso. Pretende, ainda, suscitar novas investigações e viabilizar uma agenda para futuros encontros sobre o tema.

As exposições do simpósio, além desta introdução geral ao universo temático proposto, organiza-se em quatro eixos de comunicações afins, que serão dispostas em cinco mesas.

O primeiro eixo é **discurso religioso** que pode ter origem em uma fonte não religiosa, como, por exemplo, a mídia, ou na própria experiência religiosa em sua globalidade, como nos rituais e nas distintas práticas dos cultos afro-brasileiros.

O segundo eixo é **ensino religioso, a linguagem e a literatura no campo religioso**. Ele expressa um grande debate engendrado por demandas próprias da pós-modernidade, tendo ora um caráter global, ora um caráter local específico, no contexto brasileiro, o que aparece de modo peculiar no ensino religioso, que adquire status e estatuto novo, por força da lei que o torna obrigatório na Escola Pública e portanto laica. Em sua nova condição, o ensino religioso tem enfrentado desafios de diversas ordens: epistemológica, curricular, metodológica, didática,

e talvez o mais difícil de enfrentar, a formação de professores. Observe-se que todas as comunicações deste eixo, de alguma maneira, tocam o problema da linguagem. Claro que não se trata de coincidência, mas sim, da importância da linguagem para realizar a tarefa de desenvolver uma perspectiva de trabalho pedagógico que possibilite articular a universalidade e as particularidades diversas do fenômeno religioso.

O terceiro eixo é a relação entre **sujeito, fé e ciência** na passagem da modernidade para a pós-modernidade. Um tema dos mais espinhosos, pois enfrenta as contradições engendradas pela pós-modernidade. Trata-se de buscar a possibilidade do sujeito pós-moderno, amiúde desorientado e fragmentado, de realizar o diálogo entre fé, entendida como religiosidade e experiência de sentido, e a racionalidade científica instrumental, que sustenta a crença na possibilidade de progresso sem limite e prescindir de valores, dando margem a um contexto cultural que Stefano Martelli (1995) define como pendular, pois oscila entre a secularização e a dessecularização.

O quarto eixo é **Religião, mídia e imagem**. Não é sem razão que, para operacionalizar o debate deste eixo, foi necessário organizar duas mesas. Este parece apresentar-se como o mais pós-moderno dos temas. Nele, a pós-modernidade alça a linguagem, a informação, a imagem, a comunicação à condição de musa e institui o assim chamado quarto poder: a mídia. As religiões e religiosidades sofrem o impacto desta nova linguagem, seja em seu próprio discurso, quando utilizam os diversos veículos de comunicação de massa (televisão; cinema; revistas), seja quando a linguagem midiática é apropriada pela prática do homem religioso, ou pelos teóricos da religião, que a analisam e nela descobrem novos sentidos e novas possibilidades. As mesas farão uso da linguagem e dos conceitos próprios do universo teórico dos pensadores considerados pós-modernos, que trabalham a semiótica da linguagem religiosa, as imagens e o imaginário, a comunicação de massa, a sociedade do espetáculo, o simulacro, etc.

Para concluir, vai aqui um convite a que todos façamos um esforço de aproximação, isto é, a constituição de um mosaico caleidoscópico com os rastros do sagrado, presentes em todas as mesas, suscitados pelos estudos e pesquisas sobre as suas mais variadas formas de vivência e expressão na pós-modernidade. As nossas sínteses não de servir de base para a construção de um vitral. Para isso, precisamos distinguir e compreender os movimentos do caleidoscópio. Ele é resultado de um jogo de espelhos, que produz uma imagem e muitas imagens. Ao mosaico caleidoscópico não se pergunta se é verdadeiro ou falso, mas sim o que ele expressa, quais experiências estéticas provoca, que reflexões possibilita, que sínteses propicia. Tecido com fios de realidade e imaginação, provoca sensações de familiaridade e estranhamento, ao mesmo tempo, convida à reflexão e ao entrelaçamento amigável.

Referência Bibliográfica

AUBERT, Nicole (Org.) 2004. *L'individu hypermoderne*. França: Éditions Érès.

- BAUMAN, Zigmunt. 2001. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: ed. Zahar.
- CAPRA, Fritjof. 1997. 20ª. Ed. *O Ponto de Mutação*. A ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. São Paulo: ed. Loyola.
- COONOR, Steven. 1993. 2ª. Ed. *Cultura Pós-moderna*. Introdução às Teorias do Contemporâneo.. São Paulo: ed. Loyola.
- FAUSTINO, Silva. 1998. O lugar da linguagem na filosofia do século XX. In FABBRINI, Regina e OLIVEIRA, Sérgio (Org.). *Interpretação*. pp. 87-97.
- FREIRE, Paulo. 1981. *Educação como Prática da Liberdade*. 12ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GIDDENS, Anthony. 1991. 2ª. Reimpressão. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: ed. UNESP.
- MARTELLI, Stefano. 1995. *A religião na sociedade pós-moderna: entre a secularização e a dessecularização*. São Paulo: Paulinas.
- QUEIROZ, José J. 2006. Deus e Crenças Religiosas no Discurso Filosófico Pós-moderno. Linguagem e Religião. *REVER – Revista de Estudos da Religião*. N.2 / 2006/ pp. 1-23.
www.pucsp.br/rever.
- ROUANET, Paulo Sérgio. 1986. A Verdade e a Ilusão do Pós-moderno. *Revista do Brasil*. V.2, n. 5, p. 28-53.
- VAN BUREN, Paul M. 1997. *Alle frontiere del linguaggio*. Roma: Armando Armando Editore.